

- da Universidade de São Paulo, 1975. 158 págs. (Coleção “Reconquista do Brasil”, vol. 8).
- 1976 — Viagem à Província de São Paulo. Trad. de Regina Regis Junqueira; pref. de Mário Guimarães Ferri. Belo Horizonte, Itatiaia/São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1976. 230 págs. (Coleção “Reconquista do Brasil”, vol. 18).
- 1976 — Segunda viagem a São Paulo e Quadro histórico da Província de São Paulo. Trad. e intr. de Affonso de E. Taunay. São Paulo, Martins, 1976. 255 págs. (Biblioteca Histórica Paulista, vol. 6)
- Nota:** Trata-se de segunda tiragem da edição publicada em 1953 em convênio com a Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo.
- 1978 — Viagem a Curitiba e Província de Santa Catarina. Trad. de Regina Regis Junqueira; pref. de Mário Guimarães Ferri. Belo Horizonte, Itatiaia/São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1978. 210 págs. (Coleção “Reconquista do Brasil”, vol. 9).
- 1979 — Auguste de Saint-Hilaire em Porto Alegre, 1820–21. Participação da Prefeitura Municipal de Porto Alegre às comemorações do bicentenário do nascimento de Saint-Hilaire promovidas pela Associação Riograndense de Imprensa. Porto Alegre, Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal, 1979, 90 págs.
- (Contém os capítulos sobre Porto Alegre da “Viagem ao Rio Grande do Sul”, na trad. de Leonam de Azeredo Pena, e os seguintes anexos: “Como Saint-Hilaire viu Porto Alegre às vésperas da Independência do Brasil”, discurso de Francisco Riopardense de Macedo na Câmara Municipal de Porto Alegre; dados biográficos de Saint-Hilaire; o relatório da Academia de França sobre as viagens de Saint-Hilaire, na trad. de Rubens Borba de Moraes; e três clichês: a página de rosto da edição original da “Voyage à Rio Grande do Sul”, o retrato do autor constante do mesmo volume e o decreto de concessão a Saint-Hilaire e a Martius da mercê de Cavaleiros da Ordem Imperial do Cruzeiro, em 2 de outubro de 1840).

*

OTONIEL MOTA — talento multiforme (*)

Júlio Andrade Ferreira

Já ouvimos falar de Otoniel Mota. Neste ano de seu centenário a Academia Campinense, por sugestão de seu presidente, programou duas pales-

* Conferência proferida na Academia Campinense de Letras em 1978, em comemoração do centenário de Otoniel Mota.

tras a seu respeito. A primeira delas, já apresentada pelo Professor Francisco Ribeiro Sampaio, em primoroso estudo, mostra-nos o Otoniel Mota filólogo. De certo modo a visão de filólogo ficou entrosada com a do mestre e a do contista e, como seria inevitável, tudo isso inserto no homem. O núcleo do assunto já foi tratado, a parte mais técnica e desafiadora, que só outro lingüista poderia, com segurança realizar.

Que mais foi Otoniel Mota? Na referida palestra mencionou-se ter sido ele “ministro de religião”. O fato de ser eu mesmo ministro presbiteriano, como ele o foi, deve ter influenciado na indicação de meu nome pelo Professor Odilon Nogueira de Matos, para apresentar outras feições da personalidade de Otoniel. O conhecimento do meio protestante pode-me ajudar nesta tarefa, mas não quero que me atrapalhe. Estou menos preocupado em acompanhar Otoniel em todos os lances de sua carreira de pastor, do que em acompanhar sua variada produção literária, nos matizes de seu talento multiforme.

Sem a ajuda do professor Odilon que me pôs à disposição várias fontes, hoje raras, não me teria sido possível realizar a tarefa, pelo menos dentro do prazo razoável. A última das obras de Otoniel Mota foi publicada há mais de trinta anos, e a primeira há mais de setenta. Muitas delas publicadas por pequenas editoras, de modo que o compulsá-las não é questão de boa vontade, mas de “chance”.

Otoniel Mota, nasceu a 16 de abril de 1878, em Porto Feliz, S. Paulo, lugar próprio para a naturalidade de quem se orgulhava de ser Otoniel de Campos Mota, o que significa “paulista de quatrocentos anos”.

Era filho de José Rodrigues Pais e Bernardina Deoclésia de Mota Pais. Fez os estudos primários em sua própria terra, mas os secundários, ou melhor, preparatórios em São Paulo, como aluno do curso Anexo à Faculdade de Direito” do Largo São Francisco. Foi por esse tempo que se tornou protestante. A figura de Eduardo Carlos Pereira, que já então preparava sua **Gramática Expositiva**, e que era pastor evangélico, deve ter influenciado, pelo menos na mudança do rumo de sua vocação. Deixou de seguir a carreira do Direito para entrar no pequeno Seminário Presbiteriano, que se instalara, não fazia muito, em São Paulo, e no qual o próprio Eduardo Carlos Pereira dava aulas. Acredito que a vocação lingüística teria sido despertada por essa aproximação. Foi colega, nesse tempo, de outros protestantes que também tiveram certa projeção: Ernesto Luiz de Oliveira, Vicente Temudo Lessa, Alfredo Borges Teixeira, Salomão Ferraz e, sobretudo, Erasmo Braga.

Ordenado pastor presbiteriano a 14 de julho de 1901, Otoniel começou a servir, residindo em Santa Cruz do Rio Pardo. O campo de trabalho se estendia por vários lugares: Piraju, Taquari, Fartura e Anhumas, este no Para-

ná. Os trilhos da Sorocabana só atingiam Cerqueira César, de modo que suas viagens eram feitas a cavalo. Um jornal evangélico publicou retrato dele, desse tempo ao lado do animal arreado, com botas e esporas nos pés, poncho sobre os ombros. Foi no convívio interioriano que se cultivou seu gosto pelos temas roceiros.

Já que estamos falando de um protestante, assinalemos, desde logo, uma diferença fundamental. O católico-romano pode divergir um do outro, mas sempre sob a mesma estrutura eclesiástica; o protestante, ao contrário, não teme a emergência de estruturas diversificadas, contanto que tenha a consciência de ater-se à Escritura.

No início mesmo do ministério de Otoniel Mota, a Igreja Presbiteriana, após anos de discussões sobre problemas de educação teológica, de política missionária e de participação ou não de crentes na Maçonaria, vira surgir nova organização com o nome de “Presbitério Independente”. Presbitério é, no jargão presbiteriano, o concílio que superintende igrejas de uma região, mas, no caso em questão, as igrejas dissidentes abrangiam a área nacional.

Provocara-se, pois uma rutura, com a emergência da “Igreja Presbiteriana Independente”, sob a liderança de Eduardo Carlos Pereira. Otoniel acompanhou-o, bem como alguns dos colegas mencionados.

Em 1904, passou a residir em Jaú, de onde continuou a visitar, ainda a cavalo, inúmeras localidades.

Em cartas íntimas já aparece, bem clara, sua tendência “para a vida de gabinete, para o recolhimento e meditação, para os estudos, para a elaboração de sermões, para o jornalismo, para o livro”.

Continuo a citar um seu colega: “Nessa linha de ação dera já o primeiro passo: era professor da língua vernácula no **Ateneu Jauense**. Visitando-o fomos encontrá-lo em grande faina livresca: mesa de trabalho abarrotada de gramáticas e dicionários, e clássicos da língua.”

Em 1907, passou a residir em Ribeirão Preto, como professor de Português em novo ginásio do Estado, e, sem encargo pastoral, exerceu atividades religiosas na imprensa, na literatura, e em auxílio da Igreja Metodista local.

Fundou a revista religiosa **Reforma** e escreveu novela intitulada **Amor que Santifica**, que reflete experiências de seu pastorado.

Prestara concurso para o Ginásio do Estado de Campinas, mas o governo de Jorge Tibiriçá o nomeara para Ribeirão Preto. Depois fez concurso para a Escola Normal Caetano de Campos e foi nomeado para o Ginásio de Campinas em 1912.

Nesta cidade, pastoreou a Igreja Presbiteriana Independente da Rua Lusitana e lecionou no Seminário Presbiteriano, que se transferira de São Paulo para cá. Nessa fase publica suas principais obras como filólogo.

Em 1925 passa a residir em São Paulo. Embora tenha exercido pastorado, na chamada Primeira Igreja, até 1931, sua atenção se voltava crescentemente para causas gerais, como se verá. Mas, o tempo já consumira efetivamente à frente de igrejas, justifica a qualificação de **pastor**.

Voltemo-nos a outras facetas de sua personalidade. Em 1922 publica **Selvas e Choças**. Diz ele que os contos ali reunidos tinham sido escritos espaçadamente, “para serem lidos em reuniões familiares”. Diz mais: “Busquei os assuntos em fatos e no cenário genuinamente nacional e paulista, estudando com a maior exação a alma de nossa gente, mormente a sertaneja, em cujo ambiente passei dias e meses de que trago saudosa recordação.”

Sabemos de sua predileção pelo tema roceiro. Teria sido um iniciador da literatura regionalista, caso tivesse publicado o livro na época em que o escreveu. Mas, não seria demais assinalar algumas características dessas páginas e de outras similares, pois não foi essa a única obra de ficcionista. Enredos interessantes, não escondidos por diálogos contínuos, mas por descrições pitorescas. Ainda que, a nosso ver, não alcancem a originalidade de **Urupês**, os contos são lidos com real agrado. Lamento apenas o choque que, às vezes, ocorre entre o aspecto quase precioso de sua linguagem pessoal, com o linguajar caipira, que ele retrata com fidelidade.

De todo modo. Otoniel Mota não foi apenas filólogo e pastor. Merece a designação de **ficcionista**.

Quando eu era jovem, estudante no Ginásio do Estado em Ribeirão Preto, que aliás veio a tomar seu nome, testemunhei o quanto era lembrado e respeitado. Estudei em livros de sua autoria. Mas um dos livros que exerceram profunda impressão naqueles dias foi **O Valor**, de Charles Wagner. Não muito depois li **Para Pequenos e Grandes**. Também influenciou minha vida pessoal. Não me lembro se eram ambos do mesmo autor, mas sei com certeza, que eram do mesmo tradutor — Otoniel Mota. Há menção a outras traduções por ele feitas (incluídas entre os quarenta títulos constantes de sua bibliografia), que me levam a acrescentar, entre as qualificações de Otoniel, a de: **tradutor**.

Sabemos que Otoniel Mota comentou os **Lusíadas**, de Camões e as **Geórgicas**, de Virgílio. Pois trabalhou também sobre textos bíblicos: **O Evangelho de Mateus**, **Os Atos dos Apóstolos** e a **Carta a Filemon**. A esta denominou **O Adorável Bilhete**. Esse trabalho eu já o lera há anos, e o reli recentemente. É, de fato, um adorável bilhete, adoravelmente apresentado. Filemon era cristão residente perto de Colossos na Frígia, parte superior do vale do Lícus. Lá pelas alturas do ano 60 A.D., um escravo seu, por nome Onésimo, fugira e, não se sabe como, fora ter como o Apóstolo Paulo, em Roma. Convertido ao Cristia-

nismo, é Onésimo recambiado ao seu dono, com a mensagem de recomendação, que constitui o texto comentado, modelo de precisão de conceitos e delicadeza de sentimentos. A condição de escravo, no trabalho, não impediria a comunhão de "irmãos", no culto. E assim Paulo não condenando ostensivamente a escravidão, visto que era instituição reconhecida, superava os males dela, através do amor. O comentarista contrasta o sentimento cristão com o direito greco-romano, mostrando a superioridade daquele.

Não conhecemos todos os mencionados comentários de Otoniel Mota, mas a julgar por este, pequeno e delicado, atribuímos aos demais real valor.

Gostaríamos de incluir, entre as produções desse tipo, o livro: **Israel, sua Terra e seu livro**. É apresentado como **Arqueologia Bíblica**, matéria que Otoniel lecionou no Seminário Presbiteriano, em Campinas, e no Seminário Independente, em São Paulo.

Se comparada essa obra, a um bom compêndio da matéria, já existente em outras línguas àquele tempo, deixaria a desejar. Não lhe falta apenas um conspecto da tarefa arqueológica, como ainda o relacionamento claro dessa tarefa com os diversos extratos históricos. Otoniel discute sumariamente as origens de Israel, o êxodo e a ocupação da Canaã; depois entra a discutir problemas de geografia bíblica; fontes, rios, lagos, montes, planícies e vales. Numa terceira, e última parte, apresenta a fauna e a flora da Palestina, às vezes com pormenores muito pitorescos. Em tudo que diz há clareza, precisão e erudição. A parte pictórica é farta, o que, para aquele tempo, era inesperado. O autor tenta apresentar as informações sempre relacionadas com textos bíblicos específicos, o que torna sua obra mais um comentário bíblico, do que Arqueologia. São os comentários sobre plantas tão ricos, cheios de observações lingüísticas, e tão ao gosto brasileiro, que seria desejável reeditá-los com o título: **Plantas na Bíblia**. Mas, demos por encerrada a apresentação de Otoniel — o comentarista.

Entremos em parte mais delicada de nossa tarefa. E, para isso, temos de retroceder e historiar. O Protestantismo caminhará desde o século XVI até o século XIX para tal fracionamento, que perturbava sua obra missionária nos continentes pagãos. Houve reação dos próprios missionários, que forçaram as agências missionárias, nos Estados Unidos e na Europa, a encontros crescentes, até um de âmbito mundial, em Edimburgo, Escócia, em 1910. Deu este origem ao chamado Conselho Missionário, origem, por sua vez, do Movimento Ecumênico e do Conselho Mundial de Igrejas. A América Latina, porém fora excluída. Consideraram-na como cristã, uma vez que estava ocupada pela Igreja Católica Romana. Houve, nessa altura, reação de missionários e obreiros nativos dessa região. Convocou-se um congresso para a discussão do assunto: **Congresso de**

Ação Cristã, reunido no Panamá, em 1916. Dele participou, entre outros elementos brasileiros, Eduardo Carlos Pereira. A Igreja Católica Romana, antes do Concílio Vaticano II, mostrava-se obscurecida e intolerante. Os líderes protestantes latino-americanos julgavam-se na obrigação de esclarecer seus colegas norteamericanos e europeus, quanto às condições reais aqui existentes. Assim pensava Eduardo Carlos Pereira. Escreveu, por isso, o livro intitulado: **O Problema Religioso na América Latina**. Este livro se tornou célebre, não tanto pelo conteúdo, mas pela contestação que mereceu. Como obra de polêmica religiosa era mais uma, entre tantas, e não das mais completas. É, aliás, livro sem plena unidade. Mas, um jesuíta fluente e influente — Leonel Franca — foi a Roma, à procura de fontes de informação. Respondeu a Carlos Pereira no livro — **A Igreja, A Reforma e a Civilização**, publicado no Rio, em 1923.

Temas discutidos: O primado de Pedro, a infalibilidade do Papa, o papel da Reforma do Séc. XVI, o caráter dos reformadores, os progressos dos povos católicos comparado com o dos protestantes. O livro de Leonel Franca, apareceu, porém, no ano em que morrera Eduardo Carlos Pereira. Ninguém se julgava na obrigação de responder a ele. Aliás a obra do jesuíta impressionava pelas fontes consultadas e pela forma literária em que era vazada.

Lembro-me ainda de, quando moço, ter sofrido o impacto de seu estilo impolgante na página inicial: “Grande é a responsabilidade de quem escreve. Agitar idéias é mais grave do que mobilizar exércitos.”

Devo esclarecer que muitos dos pontos discutidos perderam a atualidade, visto que após o Vaticano II a Igreja Católica não mais usa apenas o latim no culto, não mais dificulta a divulgação da Bíblia, não mais difama Lutero, não mais vive a tratar crentes evangélicos como pessoas diabólicas, mas como “irmãos separados”.

O fato é que, na década dos trinta, sentia-se que tardava em surgir revide protestante à obra de Leonel Franca.

Uma réplica surgira em 1930, por um dos colegas de Otoniel Mota, que, apesar de mérito intrínseco de algumas de suas partes, não acompanhava o adversário em todas as fontes citadas, e numa de suas porções, discutia longamente o vulto do Anticristo (que aliás, aparece no título: **Roma, a Igreja e o Anticristo**), o que não passava de digressão dispensável e antipática.

Estavam as coisas nesse pé, quando apareceu uma série de opúsculos, em 1933 e 1934, de alguém que se apresentava com o nome de Frederico Hansen. Pelos títulos se via que a polêmica tinha continuidade: **Lutero e Padre Leonel Franca**; **Lutero, a Bíblia e o Padre Leonel Franca**; **O Papado e o Padre Leonel Franca**; **A Defesa do Padre Leonel Franca**; **A Divinização do Papa**. Estilo à altura do opositor, acesso a fontes eruditas, argumentação serena, focali-

zação dos pontos realmente importantes tais eram as características das páginas de Frederico Hansen. Esse não era senão pseudônimo de Otoniel Mota.

Otoniel tratou os católicos com respeito, exigia deles respeito, e contestou explicitamente atitudes estreitas e indelicadas de seus correligionários. Cuidava de cotejo real na expressão da fé. Haja vista o ocorrido com outra polêmica, dessa vez sobre o vulto de Anchieta. O ponto de partida está no que disse em 1607, o padre Pedro Rodrigues, na sua **Vida de Joseph de Anchieta**, seguido, aliás por Frei Vicente do Salvador. Refere-se ao suplício de um huguenote, no Rio de Janeiro, que Anchieta ajudara a matar. Quem seria esse huguenote? Otoniel Mota entra nessa pesquisa para contestar autores protestantes que tinham feito sugestões erradas, e por motivos apologeticos, uma vez que se falava em canonizar a Anchieta. Diz ele que, a tratar da questão, devemos ater-nos à busca da verdade histórica e nada mais.

Não vemos em que interesse entrar no mérito desta questão, e muito menos a este auditório. A mim não interessa. E posso afirmar que o próprio Otoniel o fez a contragosto, pois tinha espírito irônico e gostava de questões edificantes. Ele o fez combatendo correligionários, para impedir que injustiças se cometessem em nome da fé.

Seja como for, porém, pode aplicar-se a Otoniel o qualificativo de **polemista**.

Avancemos para outra questão delicada, que já mereceu análise do historiador francês Émile G. Léonard, no livro **L'Eglise Presbyterienne du Brésil et ses Expériences Ecclesiastiques**. Na terminologia histórica do Protestantismo Brasileiro tomou o nome de "Questão Doutrinária". Para bem explicá-la seria necessário mais tempo do que aquele que, com sensatez, devemos usar nesta palestra. Mas, por outro lado, não podemos omiti-la, uma vez que Otoniel Mota foi a figura central do episódio, e este, marcante em sua vida.

Já dissemos que os protestantes não se impressionam, primariamente, com a fidelidade à estrutura eclesiástica. Acham que a estrutura é inevitável por ser uma contingência sociológica, mas não é uma grandeza espiritual. Quase sempre além de jurídica e econômica e política, sobretudo política. Têm o vício inevitável da luta pelo poder. Estruturas no meio protestante resultam apenas de um denominador comum que diferentes pessoas venham a encontrar na expressão de sua fé. Desaparecido esse denominador, elas, as estruturas, se desfazem ou se fragmentam. Não haverá estruturas na vida além túmulo.

Otoniel Mota, que no início de seu ministério integrou um Presbitério Independente, que se tornou "Igreja Independente", deixou esta Igreja, na fase final de sua vida. Teria gosto em ser separatista? Não. Foi convidado a retirar-se pela "Questão Doutrinária". Otoniel era ecumênico, detestava o sectarismo.

Ele expressou-se com firmeza e elegância sobre o assunto que me permito tentar resumir.

Um jovem recém-saído do seminário, ao ser examinado, em 1938, manifestava dúvida quanto à doutrina tradicional das penas eternas. Otoniel Mota defendeu esse candidato, expondo diferentes posições que, historicamente, têm surgido, quanto ao destino dos ímpios. Houve celeuma entre os elementos mais reacionários de sua igreja. Otoniel passou a escrever série de opúsculos, analisando os textos bíblicos chamados escatológicos (isto é, os que tratam de problemas do fim) e o fez quase sempre sobre bases exegéticas, e, por isso mesmo, filológicas. Alegava que, a quem analisasse os textos neotestamentários no original grego, e mesmo os do Antigo Testamento, através da Septuaginta, não seria tão segura a idéia de penas eternas. Fala-se de vida eterna, de castigo eterno, mas de montes eternos, usando-se para eterno, o mesmo adjetivo **aiônios**. Por outro lado, o termo castigo — **Kólasis** — pode ter sentido reformatório. Faz um apanhado dos termos originais colhidos em diferentes textos; aiôn, timoria, olethros, aënaos, ápeiron, apeirésios, aídios, kaió, timoreo, kolazo, obrigando o leitor a fazer maior reflexão. Não posso concordar com tudo que ele diz; mas acho que não houve calma e competência de opositores seus nos concílios. Mesmo antes de qualquer definição do Sínodo, vários se retiraram, em fevereiro de 1940, organizando a chamada **Igreja Conservadora**, que até agora existe, ainda que sem grande expressão.

O Sínodo, por sua vez, não definia a questão, o ambiente incômodo permanecia, uns teimando em ficar “para falar”, outros dando a entender que os “liberais deviam se retirar”. Otoniel dizia: Não apresento um dogma, mas uma teoria. Afinal, em abril de 1942, organiza-se a **Igreja Cristã de São Paulo**, com Otoniel e seus companheiros. Infelizmente, sendo igreja de intelectuais, embora subsista, expandiu-se pouco. Foi no seio desse rebanho pequeno, mas aberto às diferentes denominações, e à responsabilidade social da igreja, que Otoniel passou seus últimos anos. A publicação de seu jornal **O Cristianismo**, se faz até hoje.

A título de documentação, registro o nome dos opúsculos doutrinários, da autoria de Otoniel Mota. São eles: **Uma Passagem Interessante, Novas Luzes, O Paraíso e o Céu, A Pregação Além Túmulo, Meu Credo Escatológico**, todos de 1938.

Tenho para mim que o juízo de Deus sobre cada ser humano é mais sutil do que hão de imaginar as pressuposições humanas, quaisquer que sejam. Não participo de todas as idéias escatológicas de Otoniel, mas admiro sua sinceridade e erudição.

Afinal, os referidos opúsculos justificam a caracterização a ele atribuída: **teólogo**.

Anos atrás caiu-me às mãos um livro de Otoniel Mota, intitulado: **Do Rancho ao Palácio**, da companhia Editora Nacional, publicado em 1941. Trata-se do nº 204 da coleção “Brasíliana”. Preocupado com outras questões, premido por grande soma de tarefas, não o li. Apenas folhei-o e vi que se tratava, como diz o subtítulo, da “Evolução da Civilização Paulista”.

No entanto, agora, examinando-o, pude ter uma impressão diferente.

“Achava-me recluso, diz o autor, por motivo de enfermidade e precisava de um passatempo suave e agradável para o meu espírito”.

Achou-o nada menos que ao ler os trinta volumes de **Inventários e Testamentos**. E para encontrar certos esclarecimentos, leu também **Atlas do Conselho, Registro Geral, Documentos Interessantes, Revista do Arquivo...**

Lendo o prefácio do livro **Do Rancho do Palácio**, pensei comigo mesmo: Coitado do autor. Toda essa trabalhadeira, talvez para dizer o que já fora dito por Alcântara Machado em **Vida e Morte do Bandeirante**. Essa é uma história paulistana em que não se quer a série de “uma meia dúzia de figuras, mas a que surge “do esforço permanente dos humildes”, a “silenciosa colaboração dos anônimos”. Alcântara lera praticamente as mesmas fontes que Otoniel, para a descoberta desses vultos sem glória.

Enganara-me. Os livros desses dois se completam. Foi, Otoniel porém, aos documentos para historiar nossa agricultura, nossos rebanhos, nosso comércio, nossas festas...

E quando trata de gente — porque reserva para isso também alguns capítulos — o faz num esforço de penetrar no coração bandeirante. Este é comumente apresentado sob seu aspecto externo, duro; o nosso autor nos mostra o bandeirante por dentro — o homem que sente e se enternece. Na questão da luta entre bandeirantes e jesuitas, Otoniel, que admira a ambos, dá-nos visão penetrante das motivações de um e de outro. Surpreendeu-me o livro pela maneira, nada enfadonha, por que nos leva, efetivamente, **do rancho ao palácio...** Chega até ao café, à imigração. Conclui: “Nada mais direi do Palácio. Ele aí está aos olhos de todos aqueles que tiverem capacidade de observar a boa vontade para o que foi o sofrimento, o labor e a glória de S. Paulo.” E assim, não há modos de evitar qualificativo atribuído a Otoniel Mota: **o historiador**.

Estará completa a lista? Não. Tenho de falar algo mais, que não se escreveu em páginas de papel, mas em corações. É sua tarefa de filântropo. **Perde-Ganha** é um romance por ele escrito, que retrata uma espécie de reforma agrária, mas cujo tema é o altruísmo, a preocupação com o outro, a construção da obra social. Reflete o espírito de Cristo, quando disse: “O que perde a sua vida por amor de mim, ganhá-la-á”.

Mas vamos aos fatos. Quando em Campinas, Otoniel fundara orfanato na Fazenda Betel, a caminho de Paulínia. Mas, depois em S. Paulo, uma sua filha, já moça, estava sob a ameaça, então implacável, da tuberculose. Não só a moléstia era terrível; o tratamento, pelo clima, implicava despesas proibitivas... Nesse caso específico foi possível encaminhar a paciente para a fazenda de amigo, ainda que sob cuidados médicos não tão especializados... Mas, Otoniel diz textualmente: “Vimos que nossa aflição deveria ser certamente, a aflição de muitos”... Empenhou-se em levantar recursos e edificou, em São José dos Campos, a “Vila Samaritana”. Esse foi início da chamada **Associação Evangélica Beneficente**, organizada no seu tempo e que subsiste até hoje, completando neste ano seu Jubileu de Ouro. Para comemorá-lo a direção criou mais um abrigo para velhos com o nome do fundador da organização: Otoniel Mota. Com ramificações em Água Funda, Butantã, Ipiranga, Vila Cachoeirinha, Lapa, Belém, Consoiação (todas essas na Capital), em São José dos Campos, em Santos, em Sorocaba, em Itaquera -- cuida de crianças, de velhos, de enfermos aos milhares. É a maior organização assistencial evangélica no Brasil.

Otoniel deixou filhos, deixou livros, deixou instituições. Não estaria completo, se não deixasse árvores.

Cito, a esse respeito, trechos de um seu biógrafo: “Absorvido por ocupações tão diversas, no magistério e no pastorado, curioso é observar o interesse que o Rev. Otoniel Mota demonstrou pelo problema do reflorestamento em nossa terra.” “Preocupação antiga, a sua palavra e a sua pena sempre vergastaram o vandalismo daqueles que não respeitam as nossas matas, derrubando principalmente as grandes reservas florestais. Manteve estreito contacto com Navarro de Andrade, grande campeão desse movimento.”

Tendo realizado em 1920, em Campinas, campanha do plantio de jequitibás, oferecendo-se ele para providenciar sementes, veio a ter, já velho, a alegria de receber correspondência comunicando-lhe a existência de árvores pujantes, em muitos lugares, graças ao seu empenho no passado. No dia em que foi sepultado, o **Estado do S. Paulo** publicava um artigo seu contando da existência de uma árvore dessas em Itaquera, distante quarenta minutos da Praça da Sé. “Mais uma vez se cumpriu — dizia ele — o passo da Escritura: Lança o teu pão sobre as águas que passam, porque depois de muito tempo o acharás” (Eclesiastes XI: 1). Como chamarei a Otoniel nesse caso? **Filantropo**? **Benemérito**? **Idealista**? Não sei.

Sei que não vou terminar sem juntar lista de quatro dezenas de obras suas nem sem lembrar, que além de todas as cátedras, títulos e cargos — Diretor da Biblioteca Municipal, fundador da Sociedade de Estudos Filológicos, membro do Instituto Histórico, da Academia Paulista de Letras, Professor de Língua e Literatura Grega na Faculdade Paulista de Letras e Filosofia; e,

posteriormente, ao ser criada a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, Professor catedrático de Literatura Luso-Brasileira e Filologia Portuguesa — além de todos os qualificativos que já enumerei, ele foi poeta.

Diz um seu ex-aluno, depois colega, ainda hoje em cátedra da Universidade de São Paulo: “Não guardava recortes de seus escritos poéticos. Destes alguns há publicados outros como o soneto **Relembrando**, ainda inédito, encontrei na parte interna da capa de um livro.”

Desde a **Lira Cristã**, publicado em 1898, quando estudante, e da qual parece não ter restado um exemplar, até a participação na Comissão Organizadora do **Hinário Evangélico**, e até os últimos dias, escreveu versos ao sabor da inspiração, até mesmo em recortes de papel tomados ao acaso. Como vinham, iam... Conhecemos poesias evangélicas e alguns dos hinos, constantes do Hinário, até hoje usado.

Não sou poeta, não conheço a técnica do verso, mas tenho coração e vejo como o povo crente se emociona ao cantar algumas de suas poesias, com que encerro esta apresentação:

“Na tênue luz da madrugada
Do leito salta o sementeiro.
Ei-lo a seguir a sua estrada;
Fiel, constante em seu labor.
Tem a semente da verdade,
A vida eterna, o sumo bem;
No coração da humanidade
Semeando vai, semeando vem.”

Deixando esta, que simboliza sua vida, passemos a outra, que cito por inteiro, pois que fala não apenas da vida, mas também da morte.

“Pelo vale escuro
Seguirei Jesus,
Mas, por ti seguro
Vendo a tua luz.
O meu passo incerto
Tu dirigirás;
Ao sentir-te perto
Nunca perco a paz.”

“Os espinhos tantos
Que nos vem sangrar,
São remédios santos

Para nos curar;
 Onde existe a graça
 Do bondoso Deus,
 Tudo o que se passa
 Nos conduz aos céus.”

“Não há dor que seja
 Sem divino fim;
 Faze ó Deus, que a Igreja
 Compreenda assim.
 E, apesar das trevas,
 Possa ver, Senhor,
 Que tu mesmo o levas,
 Com imenso amor.”

“Breve a noite desce,
 Noite de Emaús,
 E meu ser carece
 De te ver Jesus;
 Companheiro amigo,
 Ao meu lado vem !
 Fica, ó Deus, comigo
 Infinito bem.”

O autor desses versos faleceu a 14 de julho de 1951.

BIBLIOGRAFIA DE OTONIEL MOTA

1. FILOLOGIA — Ensaio Lingüístico (1915), Questões philologicas (1916), O pronome “Se” (1916), O Meu Idioma (1916), Lições de Português (1916), Edição comentada de “Os Lusíadas” (1917), Algum riso, muito siso (1918), Edição comentada de “As Geórgicas”, de Virgílio (s/d), Chave da Língua (1930), O Lirismo Grego (1935), Horas Filológicas (1937), Seleta Moderna (s/d), A Evolução do Gerúndio (s/d).
2. POLÊMICA — Cinco opúsculos em resposta ao Padre Leonel Franca, publicados sob o pseudónimo de **Frederico Hansen**: Lutero e o Padre Leonel Franca (1933), Lutero, a Bíblia e o Padre Leonel Franca (1933), O Papado e o Padre Leonel Franca (1933), A Defesa do Padre Leonel Franca (1933) e A Divinização do Papa (1934); O caso Anchieta Bolès (1942, reproduzido em “Notícia Bibliográfica e Histórica”, nº 83, de 1977).

3. **TEOLOGIA** – Uma passagem interessante, Novas Luzes, O Paraíso e o Céu, A Pregação além-túmulo, Meu Credo Escatológico (todos de 1938).
4. **DEVOÇÃO** – Temas espirituais (1945)
5. **FICÇÃO** – Amor que santifica, sob o pseudônimo de Bar Joseph (1909), Selvas e Choças (1922), Historietas (s/d), Perdeganha (1937).
6. **POESIA** – Lira cristã (1898), Hinos 15, 194, 214, 272 e 411 do “Hinário Evangélico”.
7. **CONFERÊNCIAS** – Servo altruista, A Continência, O Cristianismo e A mulher.
8. **HISTÓRIA** – Do Rancho ao Palácio (1941)
9. **COMENTÁRIOS BÍBLICOS** – Israel, sua terra e seu livro (1930), O Adorável Bilhete ou a Espístola a Filemon (1930), O Evangelho de São Mateus, trad. comentada (1933), Breves anotações ao Livro de Atos (s/d).
10. **TRADUÇÕES** – O Valor, de Ch. Wagner, Para Pequenos e Grandes, O Problema do Sofrimento, É crível a História do Evangelho ?
11. **Periódicos em que colaborou:** O Estandarte, Revista de Cultura Religiosa, Semana Evangélica, Cooperador Cristão, A Reforma, Cristianismo, O Estado de São Paulo.

FONTES CONSULTADAS

- OLIVEIRA, LUIZ ERNESTO** – **Roma, a Igreja e o Anticristo** S. Paulo – Casa Editora Presbiteriana – 2ª edição – 1960 – 264 págs.
- FRANCA, LEONEL** – **A Igreja, a Reforma e a Civilização** Rio de Janeiro, Livraria Católica de Francisco Gonçalves, Rio e São Paulo, Livraria Católica de A. Campos, 1923 – 544 págs.
- LÉONARD, ÉMILE G.** – **O Protestantismo Brasileiro** – S. Paulo – Aste, 1963 – Trad. de Lineu de Camargo Schutzer. – 356 págs.
- MATOS, ODILON NOGUEIRA** de – **Notícia Bibliográfica e Histórica** – nºs 83 e 90.
- MOTTA, OTONIEL** – **Lições de Português** – 4ª edição melhorada – s/d – 466 págs.

- MOTTA, OTONIEL** — **O Meu Idioma** — 5ª edição — Companhia Editora Nacional — 1929 — 248 págs.
- MOTTA, OTONIEL** — **Israel, sua Terra e seu Livro** — S. Paulo — Heros Graphia Editora — 1930 — 92 págs.
- MOTTA, OTONIEL** — **O Adorável Bilhete ou A Epístola a Philemon** — Publicação da A. E. B. Tipografia Heros Graphica Editora — 1930 — 40 págs.
- MOTTA, OTONIEL** — **Selvas e Choças** — S. Paulo — Divulgadora — Cultural Brasileira — 2ª edição — 1922 — 186 págs.
- MOTTA, OTONIEL** — **Os Lusíadas de Luiz de Camões** — Edição Escolar comentada. S. Paulo, Melhoramentos — 5ª edição — s/d — 402 págs.
- MOTTA, OTONIEL** — **Do Rancho ao Palácio**. São Paulo, Editora Nacional, 1941. 194 págs. Coleção “Brasíliana”, vol. 204.
- MOTTA, OTONIEL** — Série de opúsculos: **Uma passagem interessante, Novas Luzes, O Paraíso e o Céu, A pregação além-túmulo e Meu credo escatológico**. São Paulo, E.G. “Rev. dos Tribunais”, 1938.
- MOTTA, OTONIEL** — Série de opúsculos publicados com o pseudônimo de Frederico Hansen: **Lutero e o Padre Leonel Franca, Lutero, a Bíblia e o Padre Leonel Franca, O Papado e o Padre Leonel Franca, A defesa do Padre Leonel Franca e A divinização do Papa**. São Paulo, s.c.p., 1933/34.
- MOTTA, OTONIEL** — **O caso Anchieta-Bolês**. São Paulo, Ação Renovadora Cristã, 1942 (Reproduzido em “Notícia Bibliográfica e Histórica”, nº 83, agosto de 1977.)
- Jornais: O Estandarte**, 1953, 1958; **O Cristianismo**, 1951; **O Samaritano**, 1958.

*

O CENTENÁRIO DE FRANCISCO NARDY FILHO

Roberto Machado Carvalho

Ao ensejo das comemorações do centenário de nascimento de Francisco Nardy Filho — 1879 — 1979 — é oportuno registrar alguns aspectos da vida e obra do historiador, arquivista e cronista da tradicional cidade de Itu.

Cuidadoso e rigoroso no trato com os documentos, amigo incondicional dos arquivos públicos e particulares, dotado de uma invejável voca-